Biblio
Museu

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

ANTROPOLOGIA n.º 41 - 60

1969 - 1975

M.G.
570.5
B1
Ex.2

BELÉM — PARÁ — BRASIL

1975

41 — OLIVEIRA, Adélia Engrácia de & GALVÃO, Eduardo — A cerâmica dos índios Jurúna (rio Xingu). Ago., 1969. 19p., il., 6 est.

42 — ARNAUD, Expedito & GALVÃO, Eduardo — Notícia sobre os índios Anambé (rio Caiari, Pará). Set., 1969. 11p., 6 est.

43 — WALLACE, Ruth — Notas fonológicas da língua Kaxuyâna. Jan., 1970. 20p.

44 — ARNAUD, Expedito — O xamanismo entre os índios da região Uaçá (Oiapoque — Território do Amapá). Jun., 1970. 22p., 4 est.

45 — OLIVEIRA, Adélia Engrácia de — Parentesco Jurúna. Out., 1970. 44p., 6 fig., 3 tab.

46 — FURTADO, Lourdes Gonçalves — O fenômeno da grilagem na cidade de Belém. (Nota prévia). Jan., 1971. 25p., il., 4 qd., 4 est.

47 — ARNAUD, Expedito — Os índios Oyampik e Emerilon (rio Oiapoque). Referências sobre o passado e o presente. Fev. 1971. 28p., 2 est.

48 — CORRÊA, Conceição & SIMÕES, Mário F. — Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará). A fase do litoral de Marapanim. Jul., 1971. 30p., 8 fig., 2 tab., 4 est.

49 — ARNAUD, Expedito — A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970). Out., 1971. 25p.

50 — SILVEIRA, Isôlda Maciel da — Aspectos sócio-econômicos de Oriximiná (sede). (Nota prévia). Mar., 1972. 37p., il., 4 est.

51 — SÁ, Samuel — Tradição oral e creatividade em Arca dos Engenhos (PA). Nota prévia. Ago., 1972. 30p., il., tab.

52 — FURTADO, Lourdes Gonçalves & SANTANA, Maria da Conceição — "Vila da Barca", Belém. Notas sobre grilagem. Jan., 1974. 18p., il., est.

53 — ARNAUD, Expedito & ALVES, Ana Rita — A extinção dos índios Kararaô (Kayapó) — Baixo Xingu, Pará. Jun., 1974. 19p.

54 — ARNAUD, Expedito — Os índios Mundurukú e o Serviço de Proteção aos Índios. Dez., 1974. 60p., mapa.

55 — BRABO, Maria José C. — Grupos domésticos em Arca dos Engenhos. Jan., 1975. 22p., 2 est.

28 NOV 1975

Museu Goeldi — Biblioteca

56 — OLIVEIRA, Adélia Engrácia de — A terminologia de parentesco Baniwa — 1971. Jan., 1975. 34p., 2 tab., 2 est.

57 — VELTHEM, Lucia Hussak van — Plumária Tukano: tentativa de análise. Fev., 1975. 29p., il., 8 fig.

58 — OLIVEIRA, Adélia Engrácia — São João — povoado do Rio Negro (1972). Mai., 1975. 55p., 2 fig., 4 est.

59 — CORTEZ, Roberto. O índio na consciência urbana. Ago., 1975. 18p.

60 — ARNAUD, Expedito & ALVES, Ana Rita. A terminologia de parentesco entre os índios Galibí e outros grupos Karíb. Out., 1975. 18p., il., 2 qd.

GRÁFICA FALANGOLA EDITÔRA LTDA.
Rua Santo Antonio, 429
Belém - Pará

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA | N.º 41 | AGÔSTO, 20, 1969

MUSEU PARAENSE "EMÍLIO GOELDI" BIBLIOTECA

A CERÂMICA DOS ÍNDIOS JURÚNA (RIO XINGU)

ADÉLIA ENGRÁCIA DE OLIVEIRA (*)
Museu Goeldi

EDUARDO GALVÃO (*)
Museu Goeldi

Bento Maciel Parente situa os índios Jurúna, em 1625, numa ilha entre o braço do Pacajá (de Portel) e o rio Xingu (1874 : 40). Durante os séculos XVII e XVIII, missionários, expedições militares portuguêsas e entradas paulistas levaram êsses índios a recuar em direção ao médio Xingu, o que parece ter ocorrido na segunda metade do século XIX, uma vez que Adalbert, em 1842, ainda faz referência a índios Jurúna no baixo Xingu pois localiza-os entre Tavaquara e Piranhaquara (1849 : 244-309). Já Steinen, em 1884, menciona grupos que habitaram o médio Xingu entre Pedra Preta e Pedra Sêca, nas lat. 4°40'S e 8°30'S (Steinen, 1942 : 281 e Nimuendaju, 1948 : 219). Em 1896, Coudreau (1897 : 33) dá a mesma localização porém acentua o avanço de seringueiros que mais tarde levaria os Jurúna a recuar para montante do rio Xingu, atingindo as proximidades da cachoeira von Martius por volta de 1910-1916 (Nimuendaju, 1948 : 219) onde além dos seringueiros vieram a esbarrar com Kayapó. Em 1948 estavam localizados acima da cachoeira de von Martius, próximo à bôca do Manitsauá, quando entraram em contacto com os irmãos Vilas Boas, do atual Parque Nacional do Xingu, mantendo aproximadamente a mesma localização do presente onde ficaram sob a área de influência do Pôsto Diauarum (Oliveira, 1968 : 1). Até aquela data, suas relações com os outros grupos indígenas da vizinhança do Diauarum, como os Txukahamãe e Suyá ou daqueles do alto, os Kamayurá, foram marcadamente hostís. Daí em diante, a ação do P.N.X. resultou em aproximação dessas tribos.

Durante nossa estadia entre os Jurúna, no ano de 1967, tivemos nossa atenção despertada para a técnica ceramista, dada a variedade de formas : simples, decoradas e a repre-

(*) — Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas. O trabalho de campo, realizado por Adélia E. de Oliveira, foi possível graças ao auxílio financeiro recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, da qual, na ocasião, era bolsista.

M.G
Col.2

sentação zoomorfa, bastante diferenciadas daquelas dominantes no Alto Xingu.

A técnica é conhecida por ambos os sexos, todavia são as mulheres as fabricantes. A participação dos homens reside na coleta do material e no ensaio da modelagem de pequenos vasos em forma de canoa.

O barro é colhido preferencialmente durante a estação sêca em locais em que a argila apresenta uma textura considerada própria para o fabrico. É armazenado em bolas dentro de cestos de palha de inajá ou outro recipiente disponível. Nessas ocasiões coleta-se também a casca silicosa de uma árvore, geralmente conhecida pela denominação de *caraipé* ou *caripé*. Essa casca após sêca e queimada, é socada em pilão, peneirada e adicionada ao barro como tempêro.

Quando termina a mistura tempêro-barro, a qual é de coloração acinzentada, começa a fase de dar forma ao vaso. Aliás, as mulheres costumam ser treinadas neste mistér desde muito cêdo. Notou-se que uma brincadeira usual entre as meninas de 4-5 anos era fabricar vasilhames imitando o trabalho das mães. Só na adolescência, porém, é que elas começam realmente a dominar a técnica.

De um bloco de barro temperado, tira-se uma porção alongada, ou melhor, um rôlo, com o qual se começa a constituir a base, continuando-se o processo de justaposição dêsses rolos até levantar as paredes no formato desejado. É a técnica do enrolamento em espiral. Há um tipo de vasilhame que possui o formato de um barco e que tem a sua fabricação diversa da agora exposta. Para manufaturá-lo, faz-se com a argila um rôlo da dimensão que se deseja o objeto que representa uma ubá. Em seguida marcam-se as duas extremidades : — pôpa e proa e faz-se o contôrno da peça, que é ovalado, com uma faca. A parte contornada é então escavada e o barro excedente é retirado obedecendo-se o delineamento do barco. Termina-se de modelar manualmente. As fases seguintes são idênticas para as peças fabricadas com uma ou outra técnica. Para alisar as paredes e a borda,

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
29 AGO 1969

usa-se um pedaço de cabaça. Feito isto o vaso é deixado secar na sombra, dentro de casa. No dia seguinte quando o barro está apenas um pouco endurecido, faz-se a raspagem da superfície com a ajuda de uma concha, pedaço de cabaça ou faca. Os aplicados que dão a forma zoomorfa ao vasilhame, após terem sido modelados são colocados nesta fase. Em seguida a peça é novamente posta a secar na sombra e, no dia imediato, ela é alisada mais uma vez, empregando-se desta feita primeiramente um seixo e depois a parte dorsal de uma palha de milho. Após esta operação o vasilhame está pronto para ser queimado, processo êsse que é realizado algumas horas depois, dependendo de estar o objeto em condições de ser cozido.

O cozimento da cerâmica pode ser feito dentro ou fora de casa, sendo o vaso levado ao fogo sôbre três pedras. Aí êle é revirado periòdicamente e a combustão é alimentada algumas vêzes, até que a peça fique queimada, quando então adquire uma côr ocre claro. O fogo é deixado apagar naturalmente e, quando o vasilhame esfria, começa a fase da pintura.

Para pintar ou desenhar, a mulher Jurúna faz uso de tintas vermelha, preta e branca, cujos preparos são os seguintes : —

TINTA VERMELHA : — há duas espécies.

Uma delas é fabricada colocando-se em infusão, na água, as lascas avermelhadas de madeira de uma árvore cuja espécie não se pôde determinar. Depois de algum tempo estas lascas são espremidas manualmente, caindo o líquido na própria vasilha com água onde elas estavam imersas e, em seguida, êste líquido é passado numa peneira, a fim de serem eliminados os corpos sólidos que por acaso existam. A solução que escorre tem uma coloração e consistência que, segundo um informante, parece "sangue de gente". Aí está pronta para ser utilizada em pinturas. Enquanto que a coleta da madeira é realizada pelo homem, a tarefa de fabricar esta tinta pode ser levada a cabo por ambos os sexos.

A outra modalidade é feita pela mistura de sementes de algodão piladas, ao pó que se desprende de um torrão de terra de coloração vermelha. O caroço do algodão depois de socado é colocado na água e, em seguida, espremido com as mãos em cima de uma pedra lisa, semelhante a um cascalho, aonde fôra prèviamente raspado, o torrão de terra. A mistura dá uma tinta vermelha, bem carregada. Tanto os homens quanto as mulheres podem colhêr esta terra que é encontrada nos barrancos do rio Xingu mas, em geral, sòmente as mulheres preparam a tintura.

TINTA PRETA : — é feita de uma forma semelhante à segunda modalidade de tinta vermelha. Varia apenas uma das matérias-primas empregadas. Sua fabricação, que é uma tarefa inteiramente feminina, obedece ao seguinte :

1º) pegam-se caroços de algodão que também são pilados e colocados numa vasilha com água — 2º) essa massa de semente de algodão torna a ser socada e posta no mesmo vasilhame com água — 3º) depois, enquanto a referida massa fica em repouso, a mulher Júruna leva algumas fôlhas num fogo brando, até amolecê-las — 4º) essas fôlhas são então amassadas e mergulhadas na água dos caroços pilados — 5º) em seguida elas são espremidas manualmente e passadas no fundo de uma panela cheia de carvão — 6º) torna-se a espremê-las na solução da semente de algodão, obtendo-se um líquido negro — 7º) mexe-se e a tinta está pronta.

TINTA BRANCA : — o seu preparo é igual ao da tinta preta. Todavia, ao invés de carvão, as mulheres, que a fabricam, misturam ao caroço de algodão uma argila muito fina e branca que se encontra na beira do rio Xingu.

Os desenhos, tarefa feminina, são feitos com as tintas preta e branca, enquanto a pintura que serve de base aos mesmos é vermelha. Podem ter uma significação simbólica ou representar apenas o traçado de uma forma, cujo sentido seria ùnicamente estético.

Dentro da primeira espécie enquadram-se umas faixas contínuas, com sinuosidades que segundo os informantes re-

presentam cobras e que são feitas com a tinta preta. O tamanho dessas faixas, dependendo da dimensão da vasilha, varia de 0,5 a 1,8 cm. Ainda dentro dessa categoria há um traço em forma de cruz que, segundo um informante, é a representação "de gente". Êsse traço também é feito com a tinta preta.

As que, de acôrdo com os Jurúna, não possuem significado especial podem apresentar-se tanto em negro quanto em branco. Quando negras elas se constituem de dois ou três traços verticais ou ligeiramente inclinados, paralelos. Também podem apresentar-se apenas como uma faixa horizontal ou vertical, em prêto. Há, ainda, uma outra forma semelhante a labirinto. Quando brancas elas são constituídas por pontos que ladeiam as pinturas em prêto, formando uma faixa interrompida (est. 3-6).

Para pintar a cerâmica de vermelho, antes de serem feitos os delineamentos nas outras côres, usam-se ambas as espécies dessa tonalidade. Em primeiro lugar passa-se, com um pouco de algodão, o segundo tipo descrito e, em seguida, também com algodão, a tinta feita com as lascas de madeira. Pode-se utilizar ainda, ao invés das duas tinturas vermelhas, apenas a obtida pela infusão das lascas de pau. Há, também, entre os vasilhames observados, aquêles que se apresentavam sem coloração.

O instrumental de pintura usado para se fazer os desenhos em prêto ou branco costuma ser uma vareta bem fina e pequena que, dependendo da forma requerida, poderá ter ou não um chumaço de algodão na ponta.

Formas da cerâmica jurúna

As peças de cerâmica, possuem três formas básicas: — A — B — C, as quais podem apresentar variações. Os vasos incluídos nessas três categorias podem apresentar-se com dimensões bem diversas.

Forma A

Quatro espécies foram observadas que variam desde um formato levemente quadrangular até o mais arredondado. São êles (1) : —

1.º) Base : — levemente arredondada, quase plana.
Borda : — levemente extrovertida.
Bôjo : — levemente quadrangular tendendo para o esférico.
Bôca : — constrita.
(Veja-se fig. 1 — Aldeia Bibina — Larg. máx.: 29,5 cm., alt. max.: 23,1 cm).

2.º) Base : — arredondada
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — esférico
Bôca : — constrita
(Veja-se fig. 2 — Col. M.P.E.G. n.º 10675 — larg. máx.: 22,2 cm., alt. máx. 14,2 cm).

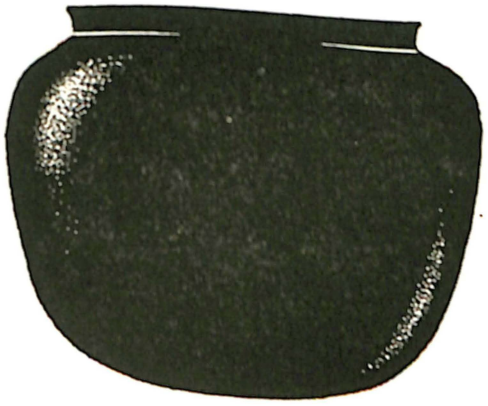
3.º) Base : — arredondada
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — esférico
Bôca : — constrita
Êste vaso difere do anterior por possuir o ombro em declive.
(Veja-se fig. 3 — Aldeia Bibina — larg. máx. 34 cm. — alt. máx. 31 cm).

4.º) Base : — plana
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — esférico
Bôca : — constrita
(Veja-se fig. 4 — Col. M.P.E.G. n.º 11685 — larg. máx. 17,8 cm — alt. máx. 14,4 cm).

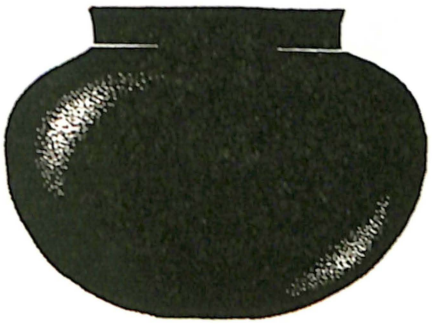
Forma B

Dentro dessa categoria foram observadas cinco espécies de vasos que variam desde aquêles que não possuem borda até aquêles cuja borda é maior, em altura, que o bôjo.

(1) — A terminologia empregada na descrição das formas da cerâmica Jurúna, obedece na medida do possível à *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica*. Chmyz, *ed.*, 1966.

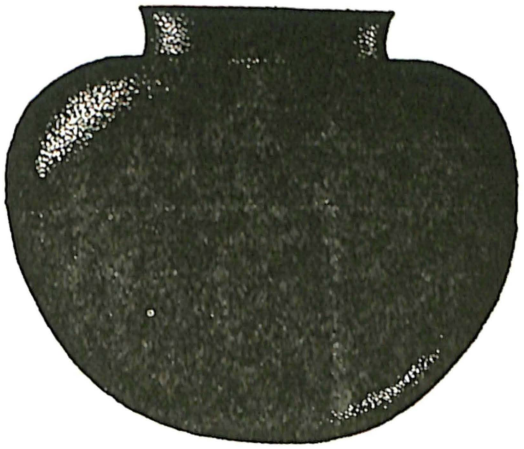


1



2

FORMA A



3

4

As figuras representadas, do nº 5 ao 9 darão melhor uma idéia dessas diferenças.

5.º) Base : — plana
Dois aplicados bifurcados na borda, colocados em posição diametralmente oposta
Bôjo : — carenado
Bôca : — constrita

(Veja-se fig. 5 — Col. M.P.E.G. n.º 5529 — larg. máx. 25,3 cm., alt. máx. 7,5 cm).

6.º) Base : — levemente arredondada
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — carenado
Bôca : — constrita
(Veja-se fig. 6 — Col. M.P.E.G. n.º 5554 — larg. máx. 28,8 cm., alt. máx. 9,1 cm).

7.º) Base : — levemente plana
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — carenado
Bôca : — constrita
(Veja-se fig. 7 — Col. M.P.E.G. n.º 10674 — larg. máx. 29,1 cm., alt. máx. 8,6 cm).

8.º) Base : — levemente arredondada, podendo algumas vêzes ser plana
Borda : — levemente extrovertida
Bôjo : — carenado
Bôca : — constrita
(Veja-se fig. 8 — Col. M.P.E.G. n.º 11822 — larg. máx. 32,3cm, alt. máx. 16,5 cm).

9.º) Base : — arredondada
Borda : — levemente extrovertida e com altura semelhante ou maior que o bôjo
Bôjo : — carenado
Bôca : — constrita ou ampliada
(Veja-se fig. 9 — Aldeia Bibina — larg. máx. 14,1 cm, alt. máx. 8,2 cm).

Forma C

Dentro desta categoria foram observadas apenas duas espécies, semelhantes a tijelas, diferençando-se uma da outra pelo fato de uma possuir quatro aplicados colocados dois a dois, paralelamente, em posição diametralmente oposta.

10.º) Base : — arredondada
Bôjo : — meia-calota
Bôca : — ampliada

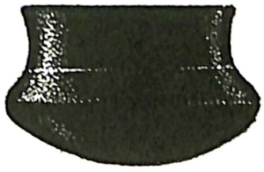
5

6

FORMA B

7

8

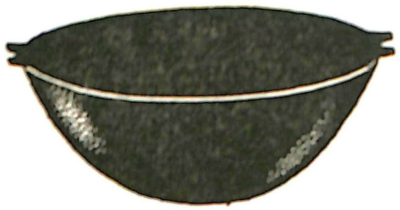


9

(Veja-se fig. 10 — Col. M.P.E.G. n.º 5555 — larg. máx. 25 cm, alt. máx. 8,5 cm).

11.º) Base : — arredondada
Quatro aplicados na borda, colocados dois a dois, paralelamente, em posição diametralmente oposta.
Bôjo : — meia-calota
Bôca : — ampliada
(Veja-se fig. 11 — Aldeia Bibina — larg. máx. 14 cm, alt. máx. 6 cm).

10



11

FORMA C

As formas descritas podem apresentar-se, na atualidade, sem qualquer pintura ou desenho, coloridas de vermelho, pintadas e desenhadas, com aplicados zoomorfos sem pintura ou desenho, com colorido vermelho e aplicados zoomorfos e, ainda, com pintura, desenho e aplicados zoomorfos.

Essas características da cerâmica Jurúna diferem das informações dadas por Nimuendaju e Galvão (2). O primeiro dêsses, afirma que :

Yuruna pottery was simple (fig. 26, *b, d*), without painted or plastic decorations, except for the occasional addition of two small excrescences on diametrically opposite sides of the vessel edge. The principal form, used to hold water and fermented drinks, is a round jar with a short neck. (Nimuendaju, 1948 : 231).

Galvão (1952 : 474) reitera a informação dada por seu predecessor, de que as panelas Jurúna "não possuem qualquer decoração, exceto por depressões digitais nas bordas". Por outro lado, Galvão informa que êsses índios "fabricam vasos de fundo arredondado, lados extrovertidos com estreitamento na parte superior para formar a borda (cf. as figuras)" (Galvão, ibid.), dados êsses que são semelhantes aos das formas observadas em 1967. Nas formas aqui descritas não foram encontradas as "depressões digitais nas bordas", referidas por Galvão.

(2) — Steinen (1942 : 310) também faz referência à cerâmica Jurúna mas, de uma forma tão sumária, que seus dados pouco revelam. Diz apenas que o formato das panelas "permite que as mesmas sejam inteiramente envoltas pelas chamas até a extremidade, que se alarga um pouco para fóra, impedindo que as chamas envolvam a panela toda."

Apesar da falta de menção aos vasos decorados, na bibliografia compulsada, acredita-se que os mesmos façam parte da tradição cultural dos Jurúna, uma vez que, segundo os informantes, os Jurúna sempre fizeram panelas zoomorfas e desenhadas. Não aprenderam a sua fabricação com outro grupo tribal mas sim com sua entidade criadora : — *Cinaã*.

Das quatro modalidades de panelas que se enquadram na *Forma A*, as figuras nº 1, 3 e 4 costumam apresentar-se apenas com uma coloração avermelhada.

O vasilhame nº 2, porém, costuma ser adornado externamente, no bôjo, com pintura vermelha e desenhos em prêto e branco sôbre o colorido vermelho. A borda é inteiramente pintada de prêto, sendo ladeada com pontilhado branco no lábio e no ombro. Observou-se, também, que êste vaso pode apresentar-se apenas com a coloração vermelha e, ainda, sob a forma zoomorfa. Quando zoomorfa, êle pode assumir três aspectos : —

1º) — base tetrápoda, sendo adornado externamente, no bôjo, o qual constitui o corpo do animal, com pintura vermelha e desenhos em prêto e branco. A borda é pintada de prêto, sendo ladeada com pontos brancos no ombro e no lábio. A cabeça e o rabo do animal representado : — anta, capivara ou veado, são aplicados diametralmente opostos. Os quatro pés também são aplicados. A cabeça e o rabo podem ou não serem pintados de prêto e branco. Os pés são apenas coloridos de vermelho.

2º) — Esta modalidade difere da anterior porque ao invés do bôjo da panela constituir também o corpo do animal, o vasilhame está colocado sôbre as costas de um tamanduá. É adornado externamente tanto no bôjo da panela quanto no corpo do animal, com pintura vermelha e desenhos em prêto e branco. A borda do vaso é inteiramente pintada de prêto, sendo ladeada com pontos brancos no lábio e no ombro.

3º) Vasilhame di-zoomorfo, com base tetrápoda e formado por três vasos superpostos. Adornado externamente, no bôjo, com pintura vermelha e desenhos em prêto e branco.

A borda, como nas modalidades anteriores, é pintada de prêto, sendo ladeada com pontos brancos no ombro e no lábio. O vaso que fica na parte inferior, servindo de suporte aos outros dois, possui dois aplicados de cabeça e rabo de animal : — uma capivara e um veado e quatro aplicados de patas que formam a base.

Das cinco variedades de vasilhames que se incluem na *Forma B* e cuja numeração vai de 5 a 9, sòmente os números 6 e 9 parecem apresentar-se com desenhos além da pintura vermelha. Os demais são coloridos apenas com o corante vegetal avermelhado ou, então, com as duas espécies de tintas vermelhas já descritas. O vaso nº 6, além de poder ser simplesmente colorido de vermelho, pode, também, ter a borda enegrecida e ladeada no lábio e no ombro com uma faixa descontínua, de pontos brancos. Já o nº 9, conforme observação nossa, costuma ser pintado interna e externamente com tintura vermelha, sendo a borda adornada com desenhos em prêto e branco, tanto do lado externo quanto interno.

Os dois vasos, semelhantes a tijelas, que se enquadram na *Forma C*, apresentam-se sem qualquer coloração ou desenho.

Além dos vasilhames incluídos nas três formas até agora descritas, os Jurúnas fabricam mais três modalidades de cerâmica que, por sua vez, não deixam de enquadrar-se dentro das *Formas A* e *C* : —1º) — um assador, de forma plano circular e borda expandida ou direta, levemente elevada. Sem qualquer decoração. — 2º) — vasilhame que tem a função de colher, em formato de ubá, com base levemente arredondada ou tetrápoda, pouca profundidade e bôjo em forma de meia-calota. Adornado com pintura vermelha e desenhos em prêto e branco, tanto interna quanto externamente. Êsse vasilhame se apresenta de vários tamanhos, embora todos pequenos, relativamente aos outros vasos. — 3º) — cachimbo, com fornilho esférico e piteira cilíndrica, curta (3,5 cm de comprimento por 1 cm de diâmetro). O fornilho pos-

sui 3,5 cm de diâmetro na parte mais larga e 2,5 cm na bôca, que é constrita. Sem adôrno, colorido apenas de vermelho.

Utilização das peças de cerâmica

Apesar da presença das cuias, produção nativa e dos vasilhames de metal e plástico, obtidos no Pôsto Diauarum, os Jurúna fazem bastante uso dêsses vasos de cerâmica. Seu emprêgo é essencialmente doméstico. Os zoomorfos, segundo os informantes, são usados para o caxiri. Quando fabricadas em tamanho pequeno, essas peças são usadas como brinquedos.

De tôdas as variedades observadas, viu-se apenas as representadas nos números 1, 5, 8 e 10 serem levadas ao fogo. Eram utilizadas para a cozinha em geral. Também o assador era empregado na torração de farinha de mandioca, amendoim, para assar beijus e para preparar tinta.

Os outros vasilhames, principalmente os de *Forma A* costumam ser usados para o caxiri ou outro líquido.

As *Formas B* e *C* são empregadas, geralmente, para servir o peixe já cozinhado, farinha ou pimenta.

* * *

As formas descritas neste trabalho não representam, certamente, todo o inventário cerâmico dos Jurúna. Apenas o resíduo de uma tradição mais rica que sobreviveu ao processo deculturativo resultante do contacto com a sociedade nacional e dos percalços de uma migração de 1 500 quilômetros para montar o rio Xingu. A persistência das formas atuais e a sua utilização cotidiana, competindo com a difusão de vasilhames de outro material (metal ou plástico) é de se ressaltar quando se avalia no conjunto da cultura e da sociedade Jurúna o desgaste que resultou das pressões aculturativas e das relações dêsse grupo com a sociedade nacional e com outros grupos indígenas, levando-o à beira da extinção física. Daquêle número estimado por Adalbert

(1849 : 317) em 2 000 indivíduos para o ano de 1842 restam hoje 58, nucleados próximo ao Pôsto Diauarum. Apenas 13 mulheres, acima de 15 anos serão capazes de dominar a técnica de fabricação do vasilhame de barro.

Quando comparada com a cerâmica de seus atuais vizinhos, os Suyá e os Trumái (3) das proximidades do Pôsto Diauarum, ou com aquela de grupos mais ao sul e de contacto esporádico como os Kamayurá, Waurá e Kalapálo, a de manufatura Jurúna identifica-se por um estilo próprio, nas formas, na decoração e no tempêro.

As formas dominantes no Alto Xingu, derivam essencialmente de um tipo de vaso de bôjo cilíndrico, em que a altura é cêrca de 1/3 da largura, fundo plano circular, bordas extrovertidas e bôca aproximada ao diâmetro. Banho vermelho ou branco bufo para a superfície externa e geralmente prêto para a interna. Os desenhos são aplicados em prêto, vermelho ou branco, usando-se preferencialmente o motivo "merexu" descrito por Steinen (1940 : 332 ss), uma composição de triângulos ou losangos. Uma variante é apresentada por vasos do mesmo tipo ou com sugestão zoomorfa obtida por aplicados às bordas : miniaturados. Êsse estilo difundido universalmente entre os grupos do Alto Xingu e que tem seu foco de irradiação entre os Waurá e Mehináku (Lima, 1950 : 10 ss), foi também absorvido pelos Suyá. Para o tempêro do barro usa-se o *cauixi,* um espongiário de água doce.

A cerâmica Jurúna tem por tempêro a casca silicosa de uma árvore conhecida comumente por caraipé (ou caripé); dominam as formas globulares, de bôca constrita e fundo arredondado. Quando decoradas o são em desenhos de linha grossa, curvilínea, em prêto, contornada por pontilhado branco, sôbre fundo vermelho. O zoomorfo é tetrápodo.

(3) — A cerâmica Trumái provém do Alto Xingu. A dos Suyá é de fabricação local, seguindo porém o modêlo alto-xinguano. Os Txukahamãe, grupo Kayapó em contacto permanente com os Jurúna, e os Kayabí, originários do rio Teles Pires e ocupantes recentes da área do Diauarum, não possuem atualmente qualquer forma de cerâmica própria.

O deslocamento dos Jurúna para a vizinhança dêsses grupos data do princípio do século. A recência e o caráter hostíl dêsses primeiros contactos, foram, entre outros, fatôres impeditivos de uma fusão ou mútua influência de estilos. Ao mesmo tempo, êsse estilo cerâmico ao lado de outros aspectos culturais, funciona como marca diferenciadora, cuja conservação nos parece resultar de um esfôrço consciente de auto-afirmação tribal.

Levando-se em conta a recente ocupação da área, a diferença de estilo com o dos vizinhos mais imediatos e as notícias históricas que situam os Júruna na foz do Xingu, no rio Amazonas, é de se procurar o relacionamento e afinidades dêsses estilos cerâmicos junto a tribos que ocuparam o Médio Xingu ou o Baixo Amazonas, na região entre os rios Tapajós e o Tocantins.

Sôbre os Xipáia e Kuruáya culturalmente afins aos Jurúna, Nimuendaju (1948 : 231) afirma possuirem uma cerâmica inferior que êstes. Refere-se a grandes potes dos Xipáia com 69 cm de diâmetro e outro tanto de altura, utilizados para o preparo e guarda do caxiri (4). Faz menção à pintura de "exceptional pots", mas sem descrevê-la (ibid). Vasos pequenos, de forma globular seriam característicos dos Kuruáya. A olaria Arara, seria ainda mais rústica.

Os Mundurukú do rio Tapajós, em tempos históricos se expandiram para leste, ultrapassando o Xingu. Horton (1948 : 276) diz que seus vasos eram "modeled directly from a mass of clay (and) are said to be of poor quality". Hilbert (1958 : 8), descreve urnas funerárias escavadas na Missão São Francisco do Cururu, local de habitação dos modernos Mundurukú, em que algumas formas apresentam certa semelhança com a cerâmica atual dos Jurúna (cf. 1958 : 8, fig. 4, F e G). Hilbert atribui uma origem Kawahyb, possivelmente pré-Mundurukú a essa cerâmica (5).

(4) — O caxiri é uma bebida fermentada, feita à base de mandioca, batata, cará ou milho, de larga difusão na Amazônia. É de uso entre os Jurúna, enquanto os Alto-Xinguanos a desconhecem.

(5) — Sôbre a expansão dos Mundurukú veja-se Murphy (1960 : 27-50).

Sôbre os demais grupos da região, a exemplo os Asuriní, a informação é escassa, o mesmo se podendo dizer da notícia histórica sôbre os grupos da foz do Xingu ou sua vizinhança. Entretanto é considerável o material fornecido pela descrição arqueológica, notadamente da bôca do Tapajós, núcleo de grupos genèricamente denominados "Tapajó", que se estendiam até o rio Jaraucu, afluente do Xingu (Barata, 1952 : 52) e que sobreviveram até o século XVIII, portanto contemporâneos dos Jurúna.

A descritiva tapajônica se ressente de dados estratigráficos para definição de níveis ou fases de ocupação e de uma excessiva preocupação pelos vasos de modelagem mais elaborada. Isto tem levado a uma concepção "unitária" da cerâmica tapajônica, de que Palmatary discorda em parte, quando atribui a variedade de formas e de decoração à reunião de grupos diversos no primeiro estabelecimento missioneiro, próximo à atual Santarém. Refere-se aos padres Tomé Ribeiro e Gaspar Misch, que enviados por Vieira em 1661, aí encontraram seis tribos diferentes (Palmatary, 1960 : 13), e também a Heriarte que menciona, nominalmente, quatro tribos além de outras desconhecidas dos portuguêses (ibid.). Palmatary salienta também o fato de que após a dizimação daquelas tribos :

> ...the missionaries brougth in tribes from other areas and relocated them in the vicinity of the original aldeia of the Tapajó (1960 : 14).

É de se admitir que os Jurúna tenham sido contemporâneos e vizinhos dêsses grupos. Entretanto, compararse sua moderna cerâmica ou inferir-se uma possível influência "santarena" seria temerário, sobretudo pela falta de uma melhor definição de um estilo ou estilos tapajônicos, da descrição de peças de sua cerâmica simples (cf. Corrêa, 1965 : 5) e a pequena amostragem da atual tradição Jurúna.

Observa-se a preferência paralela pela forma globular, destaque da borda ou gargalo, utilização de aplicados ao bôjo globular para definir a zoomorfia, peças compostas de duas figuras. Na moderna cerâmica Jurúna há ausência de bases

anulares no zoomorfo e de desenhos em relêvo. Difere também o uso do tempêro — em Santarém, principalmente o cauixi; entre os modernos Jurúna, o caraipé.

A comparação das formas atuais da cerâmica Jurúna com as descritas para o Médio e Baixo Amazonas (Hilbert, 1968) indica naquela a persistência de formas arcaicas.

A sobrevivência dessas formas, embora em aparência mais rústica e desaprimorada, possível decorrência da situação de contacto com a sociedade nacional, não é um simples exemplo de memória tribal ou de *inércia* de uma tradição. Ela indica e situa os Jurúna no processo etno-histórico da região do Baixo Amazonas.

Summary

The Jurúna, a tupian speaking people, formerly occupied the Xingu River, close to its mouth in the Amazon River. Nowadays, after a long term migration southwards, to avoid first the White intruders and later other hostile Indians, chiefly the Kayapó, they are settled at the northern boundaries of the Xingu headwaters, nearby the Diauarum Post, of the Parque Nacional do Xingu (see Oliveira, 1968: 1).

A brief description of their modern pottery is given. Despite the large introduction of metal wares is still a live manufacture.

The style, decoration and forms are quite distinct from that of their present neighbours, the Upper Xinguan Indians. They use the burned bark of the *caraipé* (Licania) for temper instead of the *cauixi*, a fresh water sponge of common usage among the Xinguans. The dominant forms are globular in shape with a constrited mouth and rounded botton. Decoration centers in the use of large curvilinear lines in black, dotted in the sides with white specks, over a redish background. Zoomorphic shapes are common in large and small vessels. They are obtained through the use of apliques (head and feet) over the globular shapes. Some of these

are a composite of two animal figures, one over the other, and are said to be used for the socio-ceremonial drinking of the *caxiri* beer.

A comparison of the modern Jurúna earthenware, which has no similar among the neighbouring tribes, with that of other archaeological traditions, as described by Hilbert (1968) suggests the persistence among the contemporary Jurúna Indians of archaic forms, distinct from those of the Tapajós (Santarém) peoples of which they were close neighbours in historical times.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ADALBERT, PRÍNCIPE DA PRÚSSIA

1849 — *Travels in the South of Europe and in Brazil: with a voyage up the Amazon, and its tributary the Xingu, now first explored.* Transl. R. H. Schomburgh and J. E. Taylor. London, D. Bogue. v. 2.

BARATA, FREDERICO

1952 — "Arqueologia". In: *AS ARTES plásticas no Brasil.* Rio de Janeiro, Ouvidor. v. 1, p. 13-71, il.

CHMYZ, IGOR *ed.*

1966 — *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica.* Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Univ. Fed. Paraná. 22 p. il. (Manuais Arqueol., 1).

CORRÊA, CONCEIÇÃO G.

1965 — Estatuetas de Cerâmica na cultura Santarém — Classificação e Catálogo das coleções do Museu Goeldi. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi,* Belém, 4, 90 p. il.

COUDREAU, H.

1897 — *Voyage au Xingu* — 30 *mai* 1896 — 26 *octobre* 1896. Paris, A. Lahure. 230 p.

GALVÃO, EDUARDO

1952 — Breve notícia sôbre os índios Juruna. *Rev. Mus. Paulista,* São Paulo, n. ser. 6: 469-77.

HILBERT, P. P.

1958 — Urnas funerárias do rio Cururú, Alto Tapajós. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi,* Belém, n. ser. Antrop., 6, 13 p.

1968 — *Archaologische Untersuchungen Am Mittleren Amazonas. Beltrage zur Vorgeschichte des sudtmerikanischen Tieflandes.* Berlin, Reimer. 337 p., il. (Marburger Studien zur Volkerkunde, 1).

HORTON, D.

1948 — "The Mundurucu". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Am. Ethnol.*, Washington, 143(3) : 271-82.

LIMA, PEDRO E. DE

1950 — Os índios Waurá — Observações Gerais. A Cerâmica. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, n. ser. Antrop., 9, 25 p.

MURPHY, ROBERT F.

1960 — *Headhunter's Heritage — Social and economic change among the mundurucú indians.* Berkeley and Los Angeles, Univ. California. 202 p.

NIMUENDAJU, CURT

1948 — "Tribes of the lower and middle Xingu river". In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Am. Ethnol.*, Washington, 143 (3) : 213-43.

OLIVEIRA, A. E. DE

1968 — Os índios Jurúna e sua cultura nos dias atuais. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. ser. Antrop., 35, 25 p.

PALMATARY, HELEN C.

1960 — The Archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil. *Trans. Am. Philos. Soc.*, Philadelphia, n. ser. 50 (3) 243 p. il.

PARENTE, MACIEL BENTO

1874 — "Memorial para conservar y augmentar la conquista y tierras del Marañon, y los indios que en ellas conquistó el Capitan Maior Beinto Maciel Pariente". In: ALMEIDA, CANDIDO MENDES DE. *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão.* Rio de Janeiro, Paulo Hildebrandt, v. 2. p. 38-56.

STEINEN, K. VON DEN

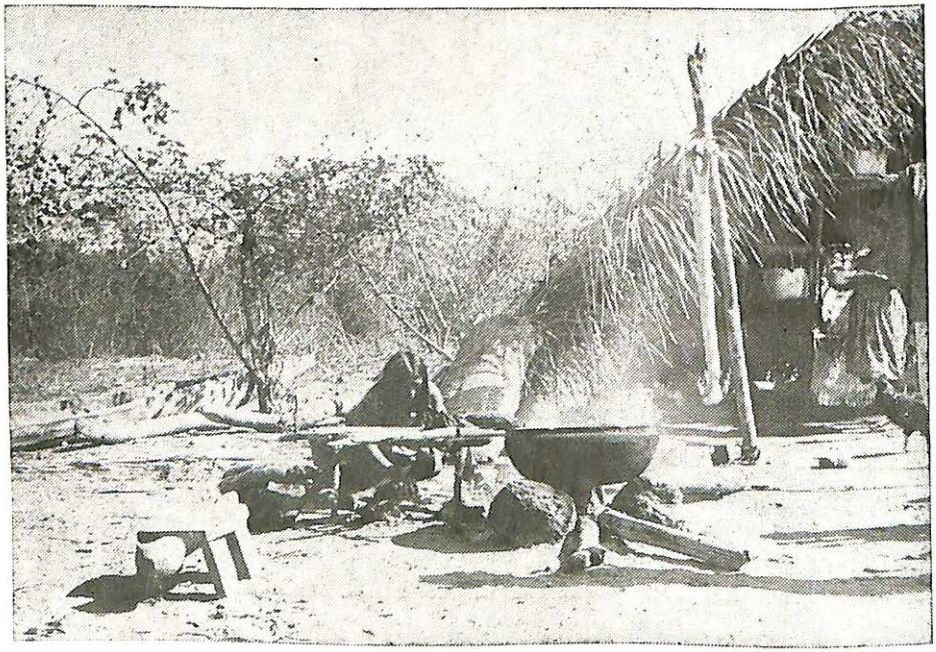
1940 — *Entre os aborígenes do Brasil Central.* Trad. Egon Shaden. São Paulo, Depto. Cultura. [Separata remunerada da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, nºs. 34-58].

1942 — *O Brasil Central: expedição em* 1884 *para a exploração do rio Xingu.* Trad. Catarina Cannabrava, São Paulo, Nacional. 420 p. (Brasiliana, Grande formato, 3).

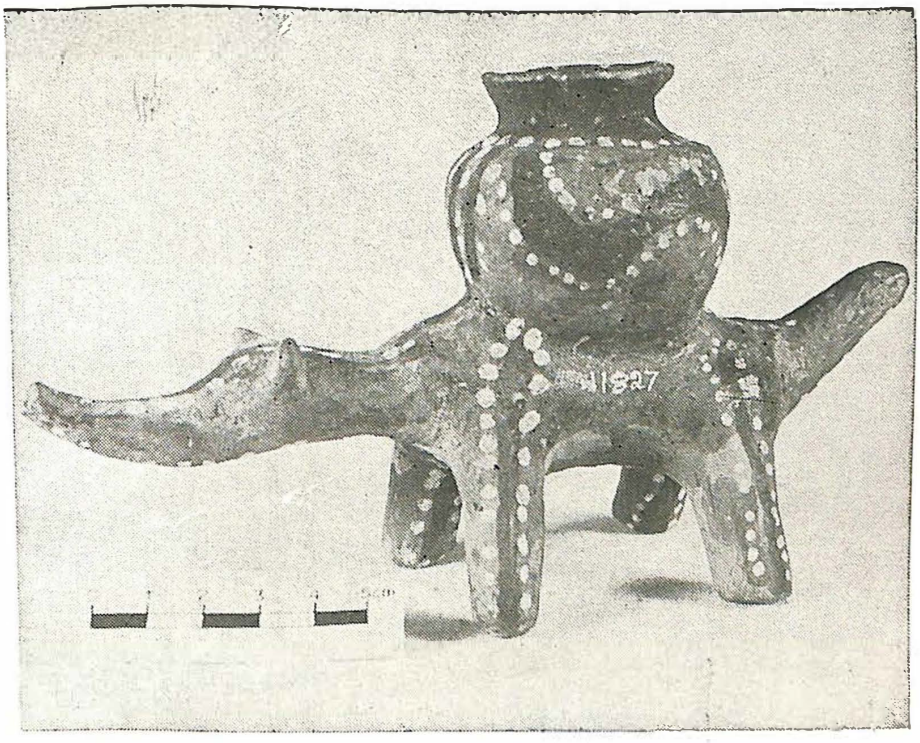
ENTREGUE PARA PUBLICAÇÃO EM 7/1/69

Modelagem de panela (Foto Galvão, 1965)

ESTAMPA 2

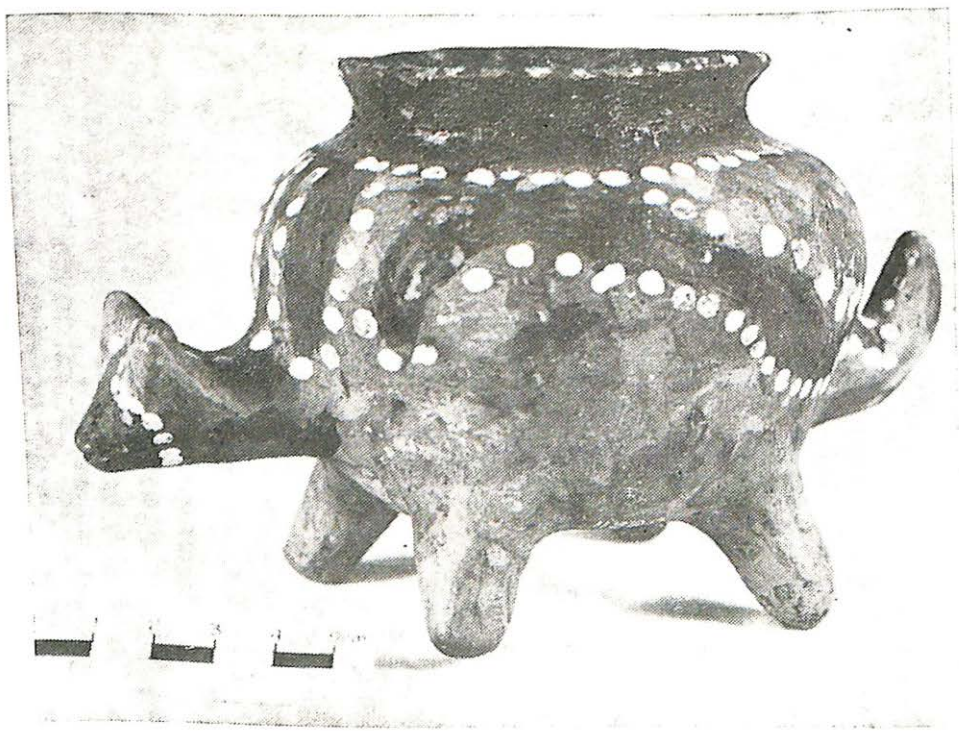


Cozinha no terreiro (Foto Galvão, 1967)



Panela zoomorfa (tamanduá) — Forma A (Foto Góes, 1968)

ESTAMPA 4



Panela zoomorfa (veado) — Forma A (Foto Góes, 1968)

Panela. Forma B. (Foto Góes, 1968)

ESTAMPA 6

Panela di-zoomorfa (capivara e veado) — Forma A (Foto Góes, 1968)